



A MENINA E O QUINTAL SEM MUROS

Leticia Pricilla da Silva¹

O cheiro da terra molhada exalava antes mesmo de a chuva cair. Os pássaros, em bando, forravam o céu azul, marcando a letra V, e logo sumiam num horizonte incerto.

Joana cresceu em meio a árvores, embora dentro da cidade. Naquela época, a vida era diferente. Joana acabara de completar 10 anos. A rua de sua casa não tinha pavimentação, e ela brincava com seu barquinho de papel, que descia rua abaixo na água da chuva, entre as pedras de cascalho.

O ano era 1997. Naquela época, as casas da rua onde Joana morava não tinham muros; eram separadas por cercas de arame, frágeis o suficiente para lembrar que ali ninguém precisava se esconder de ninguém. Os vizinhos se conheciam pelo nome, pela voz, pelas histórias. Todos se conheciam. Joana brincava com Cristina, Fábio e Renata. Era pique-pegas, pique-esconde, queimada e tantas outras brincadeiras.

As tardes pareciam não ter fim.

Quando chegava a noitinha, a mãe de Joana gritava: — Vem para dentro, menina! É hora do banho!

Joana voltava saltitante, com os pés sujos de terra e o rosto misturado com areia e suor. Dizia “até amanhã”. No outro dia, lá estavam todos outra vez, abraçados em um mundo de brincadeiras sem telas, envoltos pela natureza: borboletas coloridas, grilos que saltavam em meio à vegetação seca e as flores bem-me-quer, que davam um show de colorido, enfeitando o quintal de Joana.

Deitada no chão de terra, Joana olhava o céu azul. Em sua imaginação, várias imagens se formavam nas nuvens que se desfaziam como fumaça levada pelo vento. Desfaziam-se, assim como a infância de Joana.

Silenciosa.

Leve.

Sem avisos...

Um dia se dissiparia e sumiria no espaço, deixando ao tempo as lembranças mais lindas e verdadeiras, em um mundo simples e real, dentro de um pequeno lugar chamado quintal sem muros.

¹ Discente do curso de Direito UNIFIMES leticia_pricila2012@hotmail.com